

EDUCAÇÃO FÍSICA E ESTÁGIO: EVIDÊNCIAS NO CENÁRIO JATAIENSE.

Angela Rodrigues Luiz¹

RESUMO

Por se tratar da abordagem de um dos aspectos da formação inicial de professores, este artigo foi elaborado para referendar o Estágio Curricular Supervisionado no Curso de Educação Física do Campus Jataí na Universidade Federal de Goiás, modalidade licenciatura, como locus de pesquisa e intervenção praxiológica, evidenciando ainda possibilidades temáticas que instigam a formação continuada de professores supervisores e orientadores do estágio. Situamos a Educação Física a Educação Física como um componente curricular dotado de uma intencionalidade educativa, que se manifesta e sistematiza a partir do planejamento docente, sinalizado por objetivos a serem alcançados, delineados filosófica e politicamente que se associam à proposição de abordagens de conteúdos e temas de ensino. No percurso para tal, materializam-se aulas que promovam a organização e elaboração de novos conhecimentos, dimensionados pela competência objetiva, de caráter instrumental e, em grande medida, das competências social e comunicativa. O estágio oportuniza ao acadêmico o conhecimento da realidade social, a reflexão do trabalho e das atividades docente, o dimensionamento das instituições, situando-o historicamente e em proximidade com os saberes disciplinares acumulados na graduação com vistas promover transformações necessárias na prática docente nas instituições escolares e, neste caso, nas dimensões curriculares da Educação Física. Identificamos que uma qualificada formação docente encerra diversos fatores e saberes, mas para os limites deste texto, nos dedicaremos a valorar o espaço tempo do estágio como experiência profícua à atuação e profissionalização docente por articular situações de pesquisa, elaboração, ensino, aprendizagem, execução e avaliação do ensino, tanto nas salas e aula, quanto nos diferentes espaços da escola.

INTRODUÇÃO

Este artigo articula-se ao Projeto de Pesquisa intitulado “Atuação Docente e Elaboração de Currículo: evidências da Educação Física Escolar no município de Jataí - GO” que em sua amplitude maior tem por objetivo evidenciar em que medida a atuação docente tem determinado o currículo na Educação Física Escolar no município e, para as dimensões deste artigo, temos por objetivo situar vivências no Estágio Curricular Supervisionado no Ensino Médio como locus de pesquisa e intervenção praxiológica na formação inicial de acadêmicos do Curso de Educação Física, tanto quanto na formação continuada do professor supervisor e orientador do estágio. Tais propósitos estão contidos no âmbito do ensino e pesquisa do Campus Jataí (CAJ) da Universidade Federal de Goiás (UFG), em constante diálogo com as produções docentes e acadêmicas de outras localidades brasileiras, tais como: Recife - Pe, Rio de Janeiro - RJ, Uberlândia - MG.

¹ Mestra em Educação, Professora no Curso de Educação Física do Campus Jataí/UFG.
E-mail: angela_rodriguesluiz@yahoo.com.br

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

De modo geral, nossos estudos e pesquisas sinalizam para a valorização da formação continuada de professores e do papel docente como elemento central na construção e reconstrução de propostas curriculares, que engendra o movimento dinâmico e dialético envolvendo o fazer e o pensar sobre o fazer, o instante especial em que se dá a reflexão consciente e crítica sobre a prática educativa.

Tradicionalmente o estágio pode ser compreendido como componente curricular da formação inicial de professores, cuja uma das finalidades assentasse em aproximar o acadêmico à realidade na qual atuará. Neste sentido, Pimenta (2006, p. 14) nos alerta que “não se deve colocar o estágio como o ‘pólo prático’ do curso, mas como uma aproximação à prática, na medida em que será consequente à teoria estudada no curso, que, por sua vez, deverá se constituir numa reflexão *sobre e a partir* da realidade da escola pública [...]”.

Para os limites deste artigo não nos deteremos em delinear e/ou aprofundar o debate sobre a relação/unidade teoria e prática nos valendo de que a atuação docente é uma prática social que intervém na realidade social, sendo, portanto, uma atitude praxiológica (teórico-prática) do ser humano de transformação da natureza e da sociedade (PIMENTA, 2006; PIMENTA; LIMA, 2009). Compreendemos o estágio como atividade praxiológica que conduzirá o acadêmico a uma efetiva práxis pedagógica, em sua atuação profissional docente.

Atribuir valor às vivências nos campos de estágio tem assumido significado à medida que acumulamos experiência em receber os acadêmicos estagiários, na condição de professores supervisores e posteriormente na condição de professores orientadores. Os sete anos de atuação na Educação Básica, em parceria com a assessoria acadêmica nos momentos das atividades de planejamento e atuação docente, se somam ao crescente número de publicações bibliográficas no Brasil, bem como à expansão do número de vagas para docentes universitários que atuem diretamente nos campos de estágio, referendando assim um dos princípios que justifica e instiga ao estudo e pesquisa sobre Estágio Curricular Supervisionado na formação de professores de Educação Física.

Esta temática tem sido abordada em uma perspectiva de pesquisa com caráter qualitativo, uma vez que articula os referenciais teórico-bibliográficos às interpretações formuladas nos campos de estágio, ações que se somam à análise documental por meio dos Planos de Ensino da disciplina, os Planos de Unidade, o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, que evidenciam os objetivos para o componente curricular Educação Física.

A fim de alcançarmos os objetivos traçados neste artigo, o estruturamos em três partes: inicialmente reportaremos às situações e caracterização do estágio, da escola campo, das relações entre acadêmicos; no segundo momento abordaremos as possibilidades do estágio

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

como espaço formativo e que instiga à pesquisa, tanto acadêmica quanto de formação continuada e, por fim, teceremos considerações que situam o estágio, o fazer docente, como elementos que constituem um currículo na Educação Física Escolar.

ACADÊMICOS E ESCOLA CAMPO: relações e apropriações

No Curso de Educação Física, modalidade licenciatura, do Campus Jataí/UFG os acadêmicos tem oportunidade de experienciar campos de atuação profissional em diversas disciplinas da matriz curricular. Atualmente, conforme Projeto Pedagógico do Curso (PPC) são destinadas duas disciplinas anuais, no terceiro e quarto ano da graduação, para a imersão nos espaços formativos da educação formal. Assim, os acadêmicos são levados às escolas, preferencialmente públicas, que compõem a Educação Básica do sistema de ensino. Estagiar na segunda fase do Ensino Fundamental e no Ensino Médio lhes são oportunizados na disciplina Estágio Curricular Supervisionado II.

Atendendo os direcionamentos legais que regem o estágio na UFG, a Professora Coordenadora de Estágio subdivide a turma de acadêmicos entre os Professores Orientadores de Estágio, que por sua vez acompanham as atividades discentes junto à escola campo e ao Professor Supervisor.

Nos momentos de permanência na escola campo os acadêmicos dividem o tempo letivo em observar a atuação do professor supervisor e os alunos de uma determinada turma; realizar intervenções, ministrar aulas de conteúdos previstos no planejamento anual do professor supervisor em consonância com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola; avaliar o processo pedagógico e a participação dos alunos nos momentos de intervenção; bem como identificar problemas de pesquisa e intervenção no ambiente escolar, além de elaborar um relatório crítico-descritivo deste percurso anual, nesta disciplina acadêmica.

Simultâneo a tais momentos em campo os acadêmicos são conduzidos a estudos de temáticas afeitas à disciplina estágio, à formação docente, ao planejamento pedagógico, à avaliação escolar, e são atendidos periodicamente pela professora orientadora a fim de minimizar as dificuldades encontradas frente ao universo de atividade praxiológica que se deparam. Ao final dos estágios curriculares os acadêmicos devem estar aptos a elaborar planejamentos para atividades e intervenções específicas, bem como planejar processos de ensino a longo prazo, envolvendo diferentes métodos e recursos pedagógicos.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Particularmente, no Curso de Educação Física CAJ/UFG, os acadêmicos se organizam em trios que se mantem articulados do início ao fim do estágio anual, tendo como prerrogativa estabelecer o diálogo, aproximar as vivências e promover o auxílio nos momentos de planejamento e regência, tendo em vista que cada trio observa e ministra aulas para a mesma turma de alunos na escola campo. O trabalho em trios pode ser visto como uma oportunidade de trabalho e planejamento coletivo, sem descaracterizar cada momento próprio, particular da intervenção discente.

Os acadêmicos, para os fins do estágio, frequentam a escola campo no período matutino, uma vez por semana, lá permanecendo desde as 07h00min até 11h30min, com objetivo de reconhecer a estrutura e funcionamento da escola, das aulas de Educação Física e compartilhar dos momentos de regência dos colegas da turma. A escola adequou os horários das aulas a fim de possibilitar o estágio destes acadêmicos nas turmas de 9º Ano do Ensino Fundamental, 1º, 2º e 3º Ano do Ensino Médio.

A referida escola campo está situada em uma região periférica do município de Jataí - Go. Enaltece, dentre outros aspectos contidos no PPP, a perspectiva formativa que situa a escola como um espaço de ação e reflexão, entendendo que para alcançar o ideal de homem e sociedade traçados, somos conduzidos a uma escolha esclarecida sobre ‘o que ensinar’, ‘como ensinar’, ‘para que ensinar’ e ‘por que ensinar’. Em seus trinta anos de atendimento à comunidade recebeu alunos, inicialmente, nas quatro séries do Ensino Fundamental e, atualmente, atende, nos turnos matutino, vespertino e noturno, cerca de 550 alunos matriculados do 6º ao 9º Ano do Ensino Fundamental e de 1º ao 3º Ano do Ensino Médio, em regimes letivos semestrais e anuais.

As aulas de Educação Física nestas turmas são ministradas pelo mesmo professor que, para além do espaço da sala de aula, conta com uma quadra descoberta, outros espaços gramados, alguns sob a sombra de árvores e limitada quantidade de material esportivo, pedagógico, didático. A quadra, apesar de contar com a sinalização para futsal e vôlei, não possui postes adequados à fixação da rede para a segunda modalidade. Contudo, tais condições não tem sido fator limitante à atuação docente, tampouco ao envolvimento e participação dos alunos da escola nas aulas de Educação Física.

Ainda que reconhecendo semelhanças tantas entre as escolas, e mesmo tendo em vista os constrangimentos e as normas a que são submetidas (como as prescrições legais de programas de ensino), compartilho o entendimento de que em cada escola há também singularidades, peculiaridades, especificidades, movimentos e ritmos próprios, produzidos por seus protagonistas. A escola é lugar também do

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

imponderável, de impermanências; de acolhimento mas também de segregação; de sociabilidade, mas também de conflitos. (VAGO, 2010, p. 313)

Estando a escola, com suas particularidades, aberta a receber os acadêmicos estagiários, cabe a nós tornar esta parceria em efetivo diálogo, diferente de pacto, para conduzir saberes distintos ao alcance de objetivos também distintos, dentre eles: a promoção do aprendizado dos alunos da escola, a validação da experiência de estágio aos futuros professores e o incentivo à pesquisa e intervenção docente nos ambientes escolares e acadêmicos.

ESTÁGIO: Formação e Pesquisa

Diferentes atribuições podem ser associadas ao estágio, dentre elas optamos por situá-lo, e promovê-lo junto aos acadêmicos, como espaço profícuo *de e para* pesquisa. O incentivo e valorização das pesquisas oriundas dos campos de estágio em nosso país tem como marco a década de 1990, momento em que os professores transpunham barreiras de atuação tecnicistas que privilegiam a instrumentalização técnica, para a configuração de um novo perfil docente concebido como um profissional reflexivo, que enaltece seus saberes e produz conhecimento, corroborando assim, para a ampliação e qualificação das pesquisas na educação brasileira.

Tal perspectiva desvencilhou o estágio das observações superficiais resultantes em críticas esvaziadas que, em sua maioria, fragilizavam e deturpavam a imagem da escola por captarem falhas e desvios dos alunos, professores e/ou diretores. Ao evidenciar uma nova realidade social, cultural e formativa dos espaços de estágio, os professores orientadores do estágio tem assumido o estágio, conforme Pimenta (2009, p. 40), “numa perspectiva de encaminhar propostas e soluções aos problemas estruturais, sociais, políticos e econômicos do sistema de ensino e seus reflexos no espaço escolar e na ação de seus profissionais”, dotando os estágios de um caráter investigativo que articula a área educacional específica ao campo da Pedagogia e da Didática.

Nesta perspectiva, e de modo sucinto, o estágio como pesquisa favorece a formação e atuação docente dos acadêmicos, dos professores supervisores e dos professores orientadores, à medida que promove aos estagiários a oportunidade de qualificarem seus saberes disciplinares, aqueles aprendidos e sistematizados nas disciplinas acadêmicas, em saberes docentes, contextualizados sócio-historicamente, interpretados a partir da realidade existente em meio aos estudos, a análise, a problematização, a reflexão, nas atividades elaboração, execução e avaliação de suas propostas de ensino.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Aos professores supervisores o estágio servirá como elemento motivador de sua prática docente, uma vez que ter diversos olhares atentos a sua prática o instiga a mostrar suas potencialidades, a abordagem de novos temas e conteúdos, condicionando-o assim a um processo metodológico que articula planejamento, registro das aulas, rigor metodológico, avaliação e evidências produtivas, quando os alunos demonstram aprendizagem e elaboração de conhecimento a partir da intervenção docente.

Abandona-se o conceito obsoleto de que a formação é a atualização científica, didática e psicopedagógica do professor para adotar um conceito de formação que consiste em descobrir, organizar, fundamentar, revisar e construir a teoria. Se necessário, deve-se ajudar a remover o sentido pedagógico comum, recompor o equilíbrio entre os esquemas práticos predominantes e os esquemas teóricos que o sustentam. Esse conceito para da base de que o profissional de educação é construtor de conhecimento pedagógico de forma individual e coletiva. (IMBERNÓN, 2010, p. 51).

Aos professores orientadores o estágio inspira investigações e intervenções acadêmicas, estreitando as relações, a interação, favorecendo o diálogo entre as Instituições de Ensino Superior e as Instituições de Educação Básica. O olhar docente, por vezes, mais experiente que o do estagiário, pode contribuir para a apropriação – no sentido de se tornarem próprios dos acadêmicos –, das evidências investigativas, resultando em um processo formativo que o aproxima da realidade educacional.

Contudo, assim como alerta Imbernón (2010) a formação não é o fator determinante para o desenvolvimento profissional do professor, pois o mesmo se soma ao desenvolvimento pedagógico, ao conhecimento e compreensão de si mesmo, também devemos despender atenção especial ao estágio uma vez que ele não se configura com via de acesso a uma profissionalização docente satisfatória e de sucesso, cabendo aos professores orientadores e supervisores, ponderar criticamente o aprendizado do estagiário nos momentos de estágio, evitando a imitação de modelos em situações as quais os mesmos não se aplicam, estratégia assumida por muitos e que determinam uma realidade de ensino imutável, acrítico, ahistórico.

As vivências no estágio não determinam por si mesmas a atuação profissional docente, mas trazem relevantes contribuições na constituição deste profissional. No decorrer de sua carreira o professor certamente se deparará com obstáculos que o provocarão a inovações ou ao abandono progressivo, seja de sua formação continuada ou pela opção em trabalhar com práticas mais familiares, rotineiras, seguras, que imprimem menos riscos, práticas pouco ou nada inovadoras, mas se sua formação inicial estiver pautada no compromisso produtivo do

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

conhecimento escolar, certamente encontrará caminhos, estratégias que o mantenha ativo, reflexivo, investigador.

O estágio e a formação que ele promove devem aproximar o futuro professor da prática educativa, cabendo para tanto a imersão na realidade que contém tal estrutura de ensino. Estar imerso no ambiente escolar significa explorá-lo, envolver-se, demonstrar intencionalidade, desprover-se da observação míope do ambiente e de suas relações para vislumbrar as possibilidades de transformação e aprendizado. A visão sobre o ensino escolar necessita, dessa forma, se “basear numa concepção crítica, pois é pelo questionamento crítico que se chega a compreender a estrutura autoritária dos processos institucionalizados da sociedade e que formam as falsas convicções, os falsos interesses e desejos”. (KUNZ, 2000, p. 122).

No campo de estágio o acadêmico tem oportunidade de pedagogizar os conteúdos aprendidos nas disciplinas acadêmicas, estabelecer relação entre as teorias aprendidas e elaboradas com sua prática profissional, extrapolar o ambiente de estudo para experimentar a profissionalização e, dentre tantas possibilidades, se mantém em formação e qualificação pedagógica, alavancando o estágio como pesquisa.

ESTÁGIO, FAZER DOCENTE, DIDÁTICA E CURRÍCULO

Nas últimas décadas, principalmente, a prática pedagógica da Educação Física vinculada aos temas de ensino advindos da Cultura, evidencia argumentos para justificar sua presença na Educação Básica. Tal prática deve estar alicerçada num fazer docente que expresse, além da determinação de uma abordagem de Educação e Educação Física, os princípios político-pedagógicos e o permanente processo de análise sobre os problemas e dificuldades encontrados no cotidiano escolar, que resultam no planejamento do currículo.

Valemos-nos das considerações delineadas por Carmo, que desde 1985 compartilha seu entendimento sobre a Educação Física

[...] como uma atividade transformadora a partir do momento em que o professor de Educação Física, principal cérebro deste conteúdo, conseguir encontrar sua identidade social à luz de uma visão histórico-cultural de classe e, no interior de sua prática desportiva e/ou educativa, a emulação do espírito crítico da denúncia, do conflito, da contra-educação, enfim, que não peça ao aluno para fazer, mas diga: “façamos juntos” e, nesta interação, o **como** e o **por que fazer** seja tônica do ato pedagógico (competência técnica). Concomitantemente ao saber fazer, apareça o

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

por que fazer e quem se beneficiará desta ação teórica ou prática (consciência política). (CARMO, 1985, p. 45, grifos no original).

Deste modo, nos aproximamos das considerações acima apresentadas, por assumir que a Educação Física tem uma intencionalidade educativa, manifesta e sistematizada a partir do planejamento docente que esclarece “onde se quer chegar em termos de objetivos filosóficos e políticos” (CARMO, 1985, p. 46), materializado em aulas que promovam a organização e elaboração de novos conhecimentos, dimensionados pela competência objetiva, de caráter instrumental e, em grande medida, das competências social e comunicativa (KUNZ, 2000).

Neste campo de estágio em específico, dada à inserção histórica-social e perfil formativo do professor supervisor na área Educação Física, os acadêmicos se depararam com um fazer docente que extrapola os moldes tradicionalmente pensados para um professor deste componente curricular. Seu planejamento, atuação, conduta e abordagem dos temas tem contribuído para a estruturação, no ideário dos acadêmicos, de um perfil docente que materializa as várias indicações de autores e pensadores da área (CAPARROZ, 2006; BRACHT, 2003; KUNZ, 2000) no sentido de transpor a reprodução acrítica dos conteúdos.

O professor supervisor consegue desvencilhar-se da característica arraigada à Educação Física que privilegiava o diagnóstico, a normatização e a objetividade, que corroboravam com o paradigma técnico-linear. Sua prática docente é refletida, inspirada na análise da realidade que o faz esboçar um modelo de atuação e processo metodológico próprio da escola, que gradua e dimensiona o trato com o conhecimento ao considerar as séries de ensino que compõe a população atendida pela instituição.

Cotidianamente o professor supervisor veio superando problemas e sua prática, que muito se aproxima da perspectiva “crítico-emancipatória”, o fez delinear ações docentes calcadas numa didática comunicativa que encerra em suas aulas o desenvolvimento da capacidade de se fazer compreender e compreender o outro num contexto de diálogo crítico. Os alunos da escola campo são levados a conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados para os conteúdos da Educação Física através da reflexão. Crítica significa, nesse sentido, a “capacidade de análise das condições de racionalidade na forma que possibilite uma avaliação intersubjetiva. Emancipação é a libertação do sujeito – no caso, o jovem, aluno – das condições que limitam a sua racionalidade, bem como de um agir social de forma racional”. (KUNZ, 2000, p. 43).

Neste sentido, a dinâmica de ensino aprendizagem estabelecida pelo professor supervisor desenvolve a competência objetiva dos alunos ao oportunizar que os mesmos aprendam a técnica e a tática, conheçam as regras, as formas de institucionalização e

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

organização de um determinado jogo ou esporte. Para tanto, são realizadas aulas com vivências que possibilitam aos alunos adquirir informações, treinar destrezas, aprender a agir de forma eficiente. A ampliação desta aprendizagem tem sido favorecida pela articulação crítica entre o mundo idealizado e o mundo vivido, pela análise das interações sociais, políticas ou econômicas que resultam em relações humanas pautadas pela equidade, a democracia e a solidariedade, com vistas a superar atitudes de preconceito, promovendo assim a competência social (KUNZ, 2000).

Todo este processo de ensino e aprendizagem desemboca na materialização da competência comunicativa quando o aluno demonstra capacidade de expressar suas idéias, reflexões e conclusões perante um grupo, estejam estas contidas na verbalização, na escrita, no desenho ou na expressão corporal e não verbal. A junção destas três competências reafirma um perfil de formação de sujeitos autônomos, críticos e criativos.

O aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica. A capacidade comunicativa não é algo dado, simples produto da natureza, mas deve ser desenvolvida (KUNZ, 2000, p. 31).

Em muitos momentos, durante a graduação, os acadêmicos tiveram oportunidade de reproduzir o modelo esportivista, mas nesta escola campo, de acordo com a atuação deste professor supervisor, os acadêmicos se deparam com a oportunidade e o desafio de pensar o processo de ensino. Neste sentido se vêem professores à medida que planejam uma sequência de aulas, pensam nos procedimentos metodológicos que os conduzirá ao alcance dos objetivos propostos, se mantem atentos às nuances e particularidades da turma, constituindo assim um percurso de intervenção e avaliação do seu desempenho acadêmico/docente, oportunizado no espaço tempo deste estágio curricular.

Um dos grandes desafios na formação de professores de Educação Física tem sido o incentivo e criação do hábito de escrever seus planejamentos, suas intenções para as aulas de um determinado tema ou conteúdos escolar. Tanto o modelo de planejamento vertical quanto horizontal foram apresentados e contextualizados na disciplina Estágio Curricular Supervisionado I, contudo sistematizar os procedimentos metodológicos e conseguir dimensionar a abordagem do conteúdo comedidamente, tem sido um desafio que afasta os acadêmicos desta atividade de registro.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

O uso da linguagem (escrita ou verbal) no processo de ensino deve ter como prerrogativa e ser orientado para que o aluno passe do nível de ‘fala comum’ sobre fatos, fenômenos, objetos, ideias, para o nível do discurso. Nos momentos de estudo e orientações acadêmicas, os estagiários são solicitados à elaborar e compartilhar um esboço da seqüência de aulas que evidencie a elaboração dos objetivos geral e específicos, o número e seqüência de aulas, a descrição dos procedimentos metodológicos e as observações com detalhes sobre o processo. O quadro abaixo se aproxima do modelo de instrumental socializado entre os acadêmicos.

OBJETIVOS	SEQUÊNCIA DE AULAS	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	OBSERVAÇÕES
-----------	--------------------	--------------------------------	-------------

A sugestão deste modelo está contida no manual que rege os Estágios Curriculares Supervisionados do Curso de Educação Física, modalidade licenciatura, bem como toma de empréstimo a sugestão de sistematização adotada pelos professores em formação continuada na Rede Municipal de Ensino de Uberlândia-MG que, conforme Crozara e Caixeta (2007) pode ser identificado por meio da expressão Estratégia de Ensino, definida como

a sistematização escrita do planejamento (o que, onde, com quem, para que...) de uma seqüência de aulas destinadas ao desenvolvimento de um tema, buscando dar sentido e significado ao processo metodológico de ensino – orientado pela lógica da reprodução, modificação e re-criação – e explicitar as relações estabelecidas no processo de formação com as categorias constituintes da vida social, presentes em toda produção de conhecimento humano (produtiva, simbolizadora e social). (p. 2).

A adoção de uma perspectiva ou percurso crítico não se estabelece pela ‘escolha’ de uma determinada abordagem de Educação Física, unicamente pela via do discurso, mas pela incorporação de princípios políticos-pedagógicos fundamentados e refletidos à luz de tudo aquilo que o professor já faz, ou sabe fazer, entendendo seu planejamento, sua permanente análise dos problemas e dificuldades encontrados no cotidiano escolar como produção de currículo.

O fazer docente deste professor supervisor, sua didática, seu planejamento e peculiaridade em abordar os temas e conteúdos nas aulas de Educação Física, nos faz compreender a perspectiva crítica de elaboração de currículo engendrada por Domingues (1988) que afirma

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Fazer currículo começou a desvelar-se para mim mais como um empreendimento humanístico, uma situacionalidade educador-educando, dialógica e problematizadora, mediatizada pela proposta cultural de uma sociedade que também é temporal e tem um ritmo histórico, do que como um conjunto de problemas técnicos a serem resolvido dentro de um esquema teórico que se pretende impor de fora para dentro. (p. 20).

Ainda que muitos professores não se assumam como efetivos produtores de currículo, eles o fazem na medida em que perpetuam certas regularidades identificáveis e favoráveis ao processo de ensino aprendizagem de um determinado conteúdo. Assim, conforme salienta Nereide Saviani quando buscamos “explicações para as ‘transformações ocorridas em uma disciplina ao longo do tempo’, possibilitando, com isto a identificação dos ‘fatores mais diretamente ligados às mudanças de conteúdo e métodos de ensino’ – podem propiciar a ‘articulação de propostas mais consistentes de alteração ou implementação de mudanças curriculares’” (SAVIANI, 2006, p. 23, grifo no original).

Quando o professor se compromete com a metodologia de ensino e aprendizagem, rompe com os modelos produzidos por uma ‘elite pensante e distante da escola, que determina uma prática docente técnica, que aplica instrumentos, que realiza um trabalho sem sentido e significado e o deixa descompromissado com o alcance de objetivos que não ajudou a traçar. Assim, “as ações de planejar, executar e avaliar não podem ser relegadas a planos secundários, elas não podem ser reduzidas a atividades rotineiras e com objetivos de atender os anseios dos administradores escolares; elas devem ser assumidas como fases importantes do processo de ensino-aprendizagem”. (CARMO, 1985, p. 48).

Segundo Goodson (2008, p. 8) “o currículo não é constituído de conhecimentos válidos, mas de conhecimentos considerados socialmente válidos”. Assim, quando o professor supervisor ao abordar conteúdos como “o sistema piramidal da Educação Física” enfoca elementos culturais, de inclusão e equidade de oportunidades às pessoas com baixa visão, por exemplo, evidencia aspectos cotidianos que se tornam formativos, compondo temáticas curriculares das aulas de Educação Física.

Neste caminho, os acadêmicos, ao proporem suas intervenções pedagógicas, devem considerar o caminho transcorrido até o momento pelo professor supervisor, a fim de manter a qualidade e potencialidade do diálogo e do aprendizado dos alunos, retomando conteúdos já aprendidos nas disciplinas acadêmicas, mas redimensionados para os fins didático-pedagógicos do estágio.

O que define a fisionomia de uma disciplina é seu programa, com maior ou menor intensidade de temas, associado ou não a exercícios/atividades [...] cada disciplina

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

apresenta-se, pois, como *corpus* de conhecimentos, providos de uma lógica interna, articulados em torno de alguns temas específicos, organizados em planos sucessivos claramente distintos e desembocando em algumas idéias simples e claras, ou em todo caso encarregadas de esclarecer a solução de problemas complexos. (SAVIANI, 2006, p. 41)

PALAVRAS FINAIS

Quando compreendemos que o exercício/fazer docente não é linear e que dele depende nossa habilidade para descrever, explicar, problematizar e transformar a realidade cotidiana, deixamos de nos afastar da apropriação crítica e reflexiva de elaboração do conhecimento, produzido a partir do nosso objeto de ensino. Esta constatação implica em reconhecermos nossa capacidade investigativa como elemento potencializador do fazer docente, como elemento que propulsiona a uma atuação pautada na pesquisa, na inovação, no diálogo, no registro das experiências, nos estimula também em assumir a disposição para novos aprendizados.

Conscientes da dimensão ampla que abarca o universo escolar, sinalizamos conclusões provisórias no sentido de interpretar o saber escolar como instância em constante movimento e construção, bem como por considerar seu potencial formativo para o professor. A atenção voltada para precisar o papel da educação escolar no que se refere à produção de saberes, à formação docente, às investigações acadêmico-científicas, trás implícita ou explicitamente, a admissão das peculiaridades que esse *locus* de pesquisa produz. A escola e o estágio encerram dimensões infinitas que podem ser tomadas em suas particularidades, assim como optamos neste momento por valorar suas potencialidades frente ao processo de formação inicial de professores de Educação Física no cenário jataiense.

Valorizar as oportunidades de parceria entre escola e universidade, determina produções do conhecimento situadas na leitura da realidade social. O momento de estágio caracteriza-se pelo diálogo interinstitucional, dialogo que não se finda junto ao ano letivo, nem se renova com chegada de uma nova turma de acadêmicos estagiários que procuram a escola. São intervenções espiraladas, contextualizadas sócio historicamente, que promovem a emancipação humana e elaboram conhecimento. O movimento repetido e ahistórico desfavorecem a parceria, caracteriza o pacto e não estimula novas pesquisas.

Os objetivos delineados pelo professor de Educação Física para a formação dos alunos do Ensino Médio da escola campo, se aproximam daqueles vislumbrados por centenas de professores que se reúnem, com periodicidade bianual, nos encontros regionais e/ou nacionais

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

de didática para articular atuações docentes que atendam aos “objetivos maiores da educação escolar: a aprendizagem da cultura, da ciência, da arte, da cidadania, dos meios de pensar, para todos os alunos” (PIMENTA; LIMA, 2009, p. 71).

Tais objetivos devem ressoar no processo de formação humana e profissional dos alunos da escola e dos acadêmicos, uma vez que a prática pedagógica da Educação Física deve construir novos argumentos que ressignifiquem e justifiquem sua presença na escola, em função de saberes escolares que lhe são específicos, evidenciando uma identidade curricular que não a subordine aos outros componentes. O trato da Cultura, em suas manifestações corporais, seja pela dança, pela ginástica, esporte, lutas, deve sustentar-se pelas três competências (objetiva, social e comunicativa) que reafirma um perfil de formação de sujeitos autônomos, críticos e criativos.

Entendemos que o debate sobre as possibilidades formativas dos campos de estágios deve resultar de uma permanente reflexão sobre a realidade educacional, seja em âmbito escolar e/ou acadêmico, sistematizados em estudos e pesquisas que visam à reformulação do fazer docente com vistas ao alcance de avanços teórico-práticos, quando da transposição dos conhecimentos científicos em saberes escolares. Este processo se faz constante e deve buscar alternativas que referendam o trabalho docente, sua autonomia político-pedagógica e sua autoria na produção de currículo.

Assim como alerta Carmo (1985) “é necessário o professor resgatar para o interior de sua prática o compromisso social. Sua atividade é um espaço de luta e como tal deve ser bem aproveitado. A luta pela excelência do conhecimento veiculado, pela busca de novas maneiras para facilitar ou despertar a necessidade de aprender no aluno é tarefa difícil mas deve ser cultivada” (p. 48). Assumir-se como professor, neste sentido, deve ser tarefa dos acadêmicos, dos professores supervisores e orientadores, perspectivando o compromisso social que assumimos desde nossa opção em graduarmos para a profissão docente.

O fazer docente, a didática adotada pelos professores, os planejamentos registrados e compartilhados, servirão aos acadêmicos como elementos facilitadores de apropriação da realidade profissional que futuramente os espera. Neste percurso, o estágio traça-se como caminho próximo e semelhante à realidade, facilitador à apreensão da mesma, colocando na vitrine, ao alcance dos olhos, a organização institucional, as características e dilemas pessoais, as exigências profissionais, os enfrentamentos típicos da profissão docente, que se faz nova a cada dia, à medida que lida com a intersubjetividade humana.

REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter; ALMEIDA, F. Q. A Política de Esporte Escolar no Brasil: a pseudovalorização da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v.24, n.3, 2003. p. 87-101.

CAPARRÓZ, Francisco Eduardo (Org.). **Educação física escolar: política, investigação e intervenção**. Vitória: Proteoria, 2001. v. 1.

CARMO, Apolônia Abadio do. **Educação Física: competência técnica e consciência política em busca de um movimento simétrico**. Uberlândia: UFU, 1985.

CROZARA, Margareth Guitarrara Nirshl; CAIXETA, Sara da Silva. Educação Física, Corporeidade Humana e o Saber Escolar no Currículo. In: XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte; II Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2007, Recife – PE. **Anais: XV CONBRACE; II CONICE**, 2007. p. 1-12.

DOMINGUES, José Luiz. **O Cotidiano da Escola de 1º Grau: o sonho e a realidade**. São Paulo: EDUC, 1988.

GOODSON, Ivor F. **Currículo: teoria e história**. 8 ed. Petrópolis:Vozes, 2008.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Docente e Profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

KUNZ, Elenor. **Transformações Didático-Pedagógicas do Esporte**. 3 ed. Ijuí: Unijuí, 2000.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na Formação Docente: unidade teoria e prática?** 7 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SAVIANI, Nereide. **Saber Escolar, Currículo e Didática**. 5 ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

VAGO, Tarcísio Mauro. Educação Física e a Cultura Escolar: notas de reflexão. In: **Convergências e Tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente/XV ENDIPE**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 311 – 324.